

*James Miyamoto, Lídia Quieto Viana, Marcio Cotrim
e Carolina Pescatori*

À MARGEM. Contorno, borda, limite. Espaço entre uma coisa e outra. Linha ou zona limite, beira. Área fronteira. lugar de fim. lugar de começo. dar margem, dar espaço, abrir campo. À margem, de lado, de fora, mas ao redor, nas imediações. Limiaridade. Lugar de encontro para além do que nos separa, onde se assume o risco de se alterar, se tornar híbrido e impuro. O trabalho de organização e edição da revista *Thésis* 14, em 2022 despertou o interesse pelas grandes exposições temporárias a partir da escrita de artigos atuais e marcantes e de traduções de trabalhos antigos relacionados ao Centenário da Independência do Brasil em 1922 e à Semana de Arte Moderna de 1922. Ambos os eventos são marcados pelo sentido de nação e pela busca por uma identidade brasileira mais ampla que expandisse as margens abarcando nossas particularidades e um senso de modernidade na cultura nacional. Pela sua natureza própria de ser vanguarda, evidenciaram proposições e pensamentos iminentes do calor do momento.

Passados 100 anos de tais eventos e debates, a presença da diversidade brasileira na prática artística e arquitetônica ainda é ponto de discussão e crítica, mesmo com suas margens expandidas e mais elásticas em alguma medida. Há reivindicação de uma cultura da voz, como propõe José Bergano, em ensaio publicado no livro "Modernismos 1922-1022". A publicação traz um conjunto de ensaios que problematizam a ausência de autores negros e indígenas, o papel das autoras e a expressão dos aspectos de gênero e raça nas obras da Semana de Arte de 1922, entre outros recortes. Uma cultura, portanto, mais comprometida com novos caminhos ou outros vínculos mais próximos do real.

Mais do que a reafirmação de uma identidade brasileira, há uma reivindicação pela alteridade, pelo reco-

nhecimento do outro, do diferente, do oposto e pela sua presença na produção, exposição e reconhecimento em todos os campos. Uma cultura do encontro com o diferente, não mais traduzido ou interpretado, mas atuando na primeira pessoa de modo a mostrar o mundo pelo seu ponto de vista. Na busca pelos encontros, há um esforço pela diluição das margens ou, mais precisamente, fronteiras que afastam aqueles que diferem. Para além de pensar o futuro do evento “Semana de Arte de 1922” e o que provocou no mundo, pensar o mundo que provocou o evento e, a partir dessa memória, repensar o presente ou recriá-lo. Da mesma forma, a discussão sobre representação e representatividade ou o necessário reconhecimento de um pelo outro, como propõe Lipovetzky.

Pensar à margem da semana de 1922 nesses 100 anos é também repensar os vínculos que constroem a ideia de nação brasileira e sua história oficial, reflexão cara para uma nação constituída de forma heterogênea por indivíduos de diferentes nações, culturas e compreensões do mundo. Qual é a posição e o papel de cada um nessa história construída? Em meio a tantas diferenças, choques e conflitos, a fronteira tem um papel significativo de separação, para evitar o choque, o encontro da divergência e, ao mesmo tempo, agrupar “iguais”. A questão das margens parece ter explodido como uma questão central em diferentes conflitos de um mundo permeado por dualidades. Margens, fronteiras, há uma necessária manutenção em curso, um debate sobre os limites entre um e outro que vem provocando guerras, seja no âmbito global, seja em conflitos locais ou nas violências cotidianas institucionais.

A revista *Thésis* 15, trata criticamente o tema à margem, por vezes nem tão marginais, outras muito marginais ao longo desses 100 anos transcorridos da Semana de Arte Moderna de 1922. O tema foi abordado pelo recorte já mencionado, mas também ampliado para outras práticas, produções e reflexões que estiveram à margem do evento, assim como reinterpretações ou releituras de aspectos presentes no discurso oficial consagrado pelo evento e a sua abordagem de modernidade. Há uma expansão das margens, uma dissolução do espaço intermediário que separa, uma ampliação da interseção, fronteira que vem aproximando distâncias. Uma forma de estar no mundo resistindo através da construção de outras histórias de modo a evitar a imposição de totalidades.

A **sessão Arquivo** homenageia respeitosamente o Professor **Jean-Louis Cohen**, recém falecido em

agosto de 2023, na tradução de **Mara Eskinazi** dos capítulos 1. Abertura: O Teste da Guerra e 8. Mobilidade e Pré-fabricação do livro **Arquitetura em Uniforme. Projetando e Construindo para a Segunda Guerra Mundial**, traz um aporte significativo acerca da produção da arquitetura do século XX a partir do desenvolvimento tecnológico para fins bélicos. “longe de ser um buraco escuro e vazio na história da arquitetura no século XX, a guerra foi, de fato, um processo complexo de transformação, envolvendo todos os componentes da arquitetura em sua mobilização total”. A partir da costura de informações, documentos, relatos, o autor tece um panorama da realidade social e econômica das condições de ensino, mercado e trabalho no campo da arquitetura e suas “novas” finalidades e meios em dado contexto no capítulo 1. O Teste da Guerra. No capítulo 8. Mobilidade e Pré-fabricação, o autor concentra esforços na caracterização dos processos e estratégias específicos da Segunda Guerra Mundial, como a intensa mobilidade possibilitada por automóveis, navios, aviões, linhas férreas e o impasse na sua relação com as edificações, fortificações, abrigos, enfermarias, pontes, hangares e infraestrutura fixas. Esse aspecto demandou a elaboração de todo tipo de suporte desmontável, flutuante, móvel que permitisse o deslocamento dessas infraestruturas e a moradia de soldados ou trabalhadores das fábricas. Da mesma forma, tal processo contribuiu na reconstrução das cidades, ampliando o debate concentrado nos aspectos históricos e no planejamento urbano para os processos construtivos e a fabricação. “Mas um grande passo à frente pode ser dado com construções precárias ou provisórias, que durarão apenas por um tempo incerto... Elementos temporários podem ser como “modelos” de futuros empreendimentos e servir como um primeiro teste...”

A **sessão Ensaios** se inicia com o artigo: **Um continente que não coube numa Semana: modernistas de 22 e a América Latina**, de Alex de Carvalho Matos e Nilce Aravecchia, onde os autores ampliam o debate para a questão latino-americana e a presença da sua identidade na semana de arte. O texto nos instiga a pensar no que seria uma arte nacional brasileira e latinoamericana e seu diálogo (ou não) com as vanguardas europeias a partir da literatura nas figuras de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Machado de Assis, particularmente acerca da “vertigem que se produz na fronteira entre a ideia de nação e a de América Latina”. Da mesma forma, a sua constituição, para além da identidade, na troca que desfaz a fronteira historiográfica entre colonizações de língua portuguesa e espanhola e acrescentam o caráter mundano do



indígena, o padre latino, a mulher e, posteriormente, o negro como “uma possibilidade para a emancipação cultural e política”. Nesse sentido, a emancipação viria da abertura para o outro, uma relação de alteridade em que a diferença se torna “potencial gerador”.

Entre a cidade de palavras e a cidade de concreto: poemas de Nicolas Behr, de Anna Luísa P. D. Albano, problematiza o aspecto simbólico, memorial e afetivo de Brasília a partir das imagens das vivências do poeta construídas pela sua escrita poética, suas “cidades de palavras”. A autora investiga seu caráter de marginalidade enquanto retrato social em contraposição às realidades constituídas pela própria experiência do autor do real, recortada pela sua vivência na cidade. Essa realidade difere da imagem projetada, a cidade maquete planejada pelos seus criadores como também da realidade de sua “gente” marginal, não erudita, que habita as periferias. O artigo contrapõe as imagens criadas e percebidas por diferentes habitantes da cidade evidenciando silêncios, apagamentos e distorções a partir das suas vivências, experiências e, de certa forma, ocupações do território de Brasília.

Ser marginal: a dialética subterrânea de Hélio Oiticica, de Carolina Akemi Martins Morita Nakahara, debate o aspecto da marginalidade não como uma espécie de autonomia da arte, mas como uma aproximação radical com a concretude e com o devir associado ao “submundo”, a inversão de Subterrânia como um grito “do mundo para o Brasil” como possibilidade de uma produção genuinamente brasileira que abraçasse “toda a condição do subdesenvolvimento a fim de se superá-la”. Essa postura evidencia um processo de desconstrução do que está estabelecido a partir do encontro com o que estava oculto na representação histórica brasileira, uma desterritorialização para uma outra construção que inclui e dá voz aos marginalizados e desclassificados e estabelece outra ordem de valores culturais. “Um auto-fundar-se” não como um novo completo, mas um outro constituído no tempo do devir – não linear, mas espiralado e mesclado por fragmentos do cotidiano marginal, impurezas que conformam o “espaço da vertigem”, sua resistência. “O mundo de Hélio seria o próprio cotidiano”.

No texto, **Reflexões sobre os primórdios da arquitetura moderna brasileira a partir do conceito de campo de Pierre Bourdieu**, Henrique Soares e Glauco Bienenstein se apropriam de aportes teóricos de Bourdieu a fim de revelar relações de dominação na invenção/construção da arquitetura moderna brasileira, especificamente a partir da ideia do autor de “campo como um universo intermediário de relações

objetivas, onde agentes e instituições produzem, re-produzem ou difundem os interesses desse espaço social, que possui suas próprias regras”. Os autores reforçam a ideia de um “pensamento relacional” entre visões “internalistas” e “externalistas” que permita investigar “mundos paradoxais” – controvérsias e não-linearidades da história. Partindo das origens do modernismo no Rio de Janeiro, o texto debate as relações entre os agentes sociais e figuras locais, o Estado e o papel das articulações em escala internacional como as associações com Le Corbusier e Gregori Warchavchik “na disputa pela definição da linguagem legítima no campo da arquitetura brasileira e carioca na primeira metade do século XX”. Da mesma forma, problematiza a atuação dos arquitetos no campo entre a produção “erudita” dos grandes edifícios e monumentos de carga simbólica e a atuação no Serviço de Patrimônio elegendo valores e memórias da paisagem e a produção “popular” de habitação social como um outro modo de morar.

No artigo, **Os primeiros profissionais de Arquitetura do Pará: a ausência de diversidade no exercício da Arquitetura Moderna de Belém (1964 a 1970)**, Lohanna Ferreira de Souza e Celma Chaves, partem da premissa de que a “arquitetura é uma poderosa fonte de informação a respeito da sociedade na qual o projeto está inserido, assim como é verdadeiro que o meio social responde diversas perguntas sobre o exercício da arquitetura local”. A partir desse sistema binário a pesquisa entrelaça histórias das famílias que habitaram os projetos e os profissionais/ autores dos projetos do século XX no Pará e seu contexto. Essa investigação revela o “círculo privilegiado” da arquitetura moderna do Pará, o esforço por “inserir no cotidiano de Belém o estrangeiro” e a exclusão de qualquer tradição ou expressão das culturas negras e indígenas, assim como a presença e a representatividade feminina. Da mesma forma, ignora as necessidades socioculturais, demandas do clima, modo de morar local e abre o questionamento sobre “círculos produtivos no fazer arquitetônico” e a sua necessária relação com a busca da diversidade no campo.

Na **sessão Recensão**, Rita Veloso na resenha: **O Esforço e as Tarefas do Método. Sobre um decisivo avanço da pesquisa no campo de Arquitetura e Urbanismo** destaca “a contribuição que traz ao campo da Arquitetura e do Urbanismo em termos de pensar um método e colocá-lo em exercício” a partir da análise cuidadosa da Tese de Doutorado vencedora do Prêmio ANPARQ 2022, **Mapear para intervir: a relação entre a moradia e a saúde nos programas de**



melhorias habitacionais no sul global. A autora da tese, Joice Genaro Gomes, identifica moradias, “amparada em dados espaciais gratuitos e acessíveis que possam revelar as condições da habitação e da saúde de seus habitantes”. Um esforço de “processar e interpretar dados espaciais (mapear) para formular uma ferramenta de planejamento direcionada às ações de melhorias habitacionais (intervir)”. A tese defendida pela autora afirma a necessidade de elaboração de índices e indicadores como ferramentas para políticas públicas e expõe com clareza a complexidade na atuação no planejamento urbano.

Fechando a revista, na **sessão Passagens**, a série de colagens de Nadine Nascimento, narram memórias e imaginações acerca da temática à margem da Semana de Arte Moderna de 1922 reinserindo personagens silenciados dessa história moderna brasileira. A margem como lugar de fim e começo, como uma abertura para novas memórias futuras mais alinhadas com a realidade. A **capa** desta edição se apropria das colagens de Nadine Nascimento e soma, acrescenta, interpõe e ilumina mais algumas camadas da margem moderna brasileira sob o sol do Abaporu, na colagem de Lídia Quièto.